

# Teresa Belo Rodeia

## Sobre o ensino do desenho, para aprender a pensar arquitectura

### Introdução

Desde há muito, que o desenho é assumido como instrumento preferencial da dimensão intelectual do trabalho do arquitecto. Esta convicção, suportada por sucessivas teorizações, fez com que o desenho se constituísse e fosse tomado como elemento estruturador do pensamento projectual, na prática e na aprendizagem do projecto. Por essa razão, o seu controlo tornou-se numa condição determinante para o acesso ao ensino de arquitectura.

Hoje, numa época em que as tecnologias digitais assumem uma crescente hegemonia na cultura contemporânea, esse valor do desenho poderá parecer questionável. Mas será ainda o desenho que permite estabelecer e superar a distância necessária à invenção da 'realidade'. Assim, não estará tanto em causa o valor do desenho mas, antes, as circunstâncias que, hoje, possibilitam a sua aprendizagem e o seu subsequente controlo. Não só os tempos de aprendizagem se condensaram como, também, a preparação prévia dos alunos é muito díspar. Face a estas novas circunstâncias, torna-se pertinente questionar como poderá ser garantida a apreensão do valor estruturador do desenho no ensino de arquitectura.

Verificando as alterações agora referidas, e considerando a dimensão seminal do desenho no ensino do projecto de arquitectura, esta reflexão procurará clarificar as relações de reciprocidade que se estabelecem entre desenho e pensamento.

### Do desenho do real

Um bom desenho está muitas vezes associado a uma habilidade gráfica, considerada, com frequência, inata, de representação do mundo, a partir do qual se reconhecem supostas parecenças com o objecto representado, parecenças essas, de ordem formal. Quanto mais 'parecido' com o referente que o motiva, maior validade se tende a atribuir ao desenho. Partindo desta crença, e em limite, desenhos executados a partir de um mesmo sítio, com o mesmo enquadramento, suportes e instrumentos riscadores iguais, e executados por diferentes indivíduos com habilidade, resultariam iguais. Contudo, não parece ser assim. E parece não ser assim, nem mesmo quando todas estas constantes ocorrem para um mesmo indivíduo.

Qual será, então, a relação que se estabelece entre uma determinada realidade e a sua representação pelo desenho?

Antes de mais, importa referir que o nosso entendimento do mundo é sempre contingente e particular, não sendo possível abarcá-lo em toda a sua plenitude e a sua complexidade. Por isso, esse entendimento do mundo, processa-se a partir das representações que dele fazemos, de modo a conferir-lhe sentido.

"A representação é a nossa possibilidade de relação com o mundo – e, portanto, com o outro –, mas raramente nos lembramos de que representar está para além da *cópia à vista*. / Representar é a possibilidade de significar. / Representar é a possibilidade de *d'alguém*

estabelecer um sentido com aquilo que o rodeia, e estabelecendo-o, encontra uma possibilidade de existir". (Janeiro, 2010, p. 17)

Assim, desenhar, implicará sempre afirmar uma diferença, pois o desenho não é o mundo, mas, antes, um modo de constituição do mundo em nós.

O desenho de observação do real é um modo de relação com o mundo, um modo específico de o representar. Para o aluno de arquitectura, a representação pelo desenho interessará porque poderá permitir-lhe alcançar um novo conhecimento do mundo, na tentativa de lhe conferir uma ordem a partir daquilo que vê. Nesse sentido, o desenho de observação do real só interessará se, através dele, o aluno conseguir alcançar esse novo conhecimento, ou seja, se, no reconhecimento da diferença afirmada pelo desenho, perceber um caminho para progredir para uma melhor aproximação entre aquilo que julgou ver e o que representou, ou, dizendo de outro modo, se reconhecer no seu desenho alguns valores capazes de o remeter para a realidade representada.

É frequente ouvir dos alunos afirmarem: "Eu sei o que observo, mas não o sei desenhar". Isto coloca-nos, a nós, docentes, perante a possibilidade do aluno ainda não ter realmente compreendido o que viu, visto que desenhar pressupõe compreender, estabelecer uma ordem a partir de uma realidade que se fixa naquilo que se representa pelo desenho.

Representar a partir do que se vê implica assim, e desde logo, um conjunto de escolhas. Essas escolhas decorrerão do propósito de um problema que se coloca previamente e que se quer resolver e dos meios que se implementam para a sua resolução. Além disso a própria definição de um problema decorre sempre de uma interpretação.

Desenhar será sempre uma abstracção.

Uma outra questão, de carácter prático, que importa considerar, é a de que as imagens visuais que nos chegam não se nos apresentam sob a forma de grafismos. Porém, quando se deseja representar uma dada realidade sobre uma superfície plana, usam-se grafismos para a tornar figura, ou seja, para a configurar (Côrte-Real, 2001). E será da relação justa desses grafismos que se poderá reconhecer alguns valores da realidade rerepresentada, sendo só possível o seu reconhecimento se essa relação tiver uma 'lógica', formando um todo inteligível. Clarifique-se que este todo não se constitui como uma simples soma de partes, mas, antes, como uma síntese que, ao retirar, também acrescenta.

Por isso desenhar, deverá constituir-se sempre, para o aluno de arquitectura, como uma actividade construtiva.

***Before we can attempt to 'match' the world with a representation we have to start with making some marks and then test those marks against what we think we see. Of course, what we think we see is modified by what we expect to see and what we think we know. However, in the process of making and matching and in the gradual recognition of discrepancies between what we make, what we expect to see and what seems 'in fact' to be the case, both our art and what we see can be changed.***

(Gombrich, 1995)

A partir desta afirmação de Gombrich dir-se-ia que o desenho de observação no âmbito do ensino da arquitectura só cumpre a sua finalidade como matéria de conhecimento se se acrescentar à realidade que o convocou, produzindo novo conhecimento. Por isso cada novo desenho executado deve ser a manifestação de uma progressão de entendimento, na tentativa contínua de esclarecimento do real representado.

Com o desenho de observação, numa primeira instância, pensa-se a partir do que se vê, para que numa outra instância esse pensamento se expanda na experiência contínua e persistente do fazer e na reflexão sobre os resultados alcançados.

Para o aluno de arquitectura, o desenho do real interessa porque lhe poderá permitir alcançar uma outra consciência do mundo, que advirá do reconhecimento da diferença entre o real e a sua representação e da sua constante tentativa de superação.

### **Do desenho do projecto**

Como se referiu anteriormente, a ideia que os alunos transportam é a de que a representação da realidade é validada em função da 'parecença' que estabelece com a realidade observada. Face a essa ideia, o professor deverá transmitir desde logo que essa noção é falaciosa, do mesmo modo que é uma falácia poder pensar-se que em projecto perante um mesmo sítio, com um mesmo programa, se obtém sempre o mesmo resultado. Seja no ensino do projecto, seja no do desenho, não estamos perante um tipo de conhecimento lógico dedutivo em, que a partir das mesmas premissas, se atingem sempre os mesmos resultados, como ocorrerá num pensamento linear. Estamos, antes, perante um outro tipo de conhecimento que comporta também uma lógica própria, mas onde factores circunstanciais e outros de ordem intuitiva transportam, cada um, para um resultado diferenciado, ou não estivéssemos nós perante uma actividade de natureza humana, onde o valor da experiência individual e circunstancial possibilita, perante o mesmo problema, inúmeras respostas válidas.

Outra questão que interessa ter presente é a de que o ensino da arquitectura, neste caso, do projecto, ocorre sempre num mundo ficcional, num mundo de faz-de-conta. O aluno nunca se confronta com a prova última e incontornável, que é a construção da obra, ou seja, nunca poderá validar a qualidade da sua proposta na obra acabada. Por isso, as representações assumem um importante papel, tanto ao nível da constituição das ideias quanto ao nível da sua explicitação. E será através dessas representações – sejam esboços, modelos tridimensionais, simulações virtuais – que se tentará aferir a validade dos resultados atingidos em cada fase pelos alunos. Contudo, este facto poderá concorrer para que se possa operar uma transferência de importância da obra, da arquitectura, para a sua representação, levando por vezes os alunos a acreditar que a arquitectura se concretiza na sua representação.

No processo projectual o desenho só irá encontrar "a sua finalidade no objecto construído. [Por isso, esse desenho só interessará se permitir] "dar um passo atrás, ver e aprender a ler o que ainda não está, mas que começa a ser". (Zumthor, 2005, p. 13)

Então interessa perguntar o seguinte: o que será, no processo projectual, um bom desenho?



Provavelmente aquele que se constitui como pensamento, porque se lhe acrescenta, ou dito de outro modo, aquele que permite avançar no processo do projecto.

**Para o (futuro) arquitecto, [o desenho] importará porque permite uma aproximação à arquitectura, superando a condição de ausente que esta comporta, até ser concretizada. [Assim, se justificará o esforço investido na elaboração de desenhos, que surgirão] como o meio de gerar, de testar e de comunicar a informação necessária à resolução de uma determinada tarefa.** (Rodeia, 2011)



Existindo sempre uma distância entre um pensamento arquitectónico e a sua representação, o processo projectual desenvolve-se procurando em permanência a sua superação, porventura sem nunca o conseguir. É neste vai e vem que o processo avança, fazendo-se o que se pensa e pensando-se no que se faz, sendo que, “representar o que se pensa e pensar o que se representa, são na ocorrência, uma e a mesma coisa”. (Tainha, 1994, p. 68)

#### Do desenho do real, reconsiderado

Partindo do sentido que terá, então, do desenho de projecto, há, agora, que esclarecer a relação que se estabelece entre professor e aluno.

**Desde logo deve-se explicar que perante eles não têm nenhum professor que faz perguntas cuja resposta já sabe de antemão. Fazer arquitectura significa colocar questões a si próprio, significa aproximar-se, cercar, encontrar a própria resposta com o apoio do professor. Vezes sem conta.**

(Zumthor, 2005, p. 53)



Do mesmo modo que esta observação se aplica ao ensino do projecto, também se aplica à aprendizagem do desenho. Para o estudante de arquitectura, a aprendizagem do desenho deve incidir sobre o seu valor enquanto meio de investigação e de conhecimento, como um modo de pensar para alcançar um maior discernimento do mundo. Assim, o desenho não se deverá constituir como um fim em si próprio, mas como processo, possibilitando gerar nova informação e, por isso, produzir novo conhecimento. Neste sentido, o desenho servirá para colocar questões, que só poderão encontrar resposta pela experiência do fazer, no próprio acto de desenhar e na reflexão constante sobre os resultados obtidos.



NOTA: A comunicação apresentada decorre da minha experiência, que se tem desenvolvido em duas vertentes distintas e concomitantes: da experiência académica, enquanto docente de Desenho no Curso de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa, e da experiência profissional, enquanto arquitecta.



#### Referências Bibliográficas

Bismark, M. (2000). *Desenhar é o desenho* [www]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/141.pdf> [acedido em 2011.04.02].

—  
Côrte-Real, E. (2001). *O triunfo da virtude: as origens do desenho arquitectónico*. Lisboa: Livros Horizonte. (Horizonte arquitectura; 1).

—  
Gombrich, E. (1995). *The awakened eye: always matching follows making* [www]. Disponível em: <http://www.theawakenedeye.com/gombrich.htm> [acedido em 2012.09.12].

Janeiro, P. (2010). *Origens e Destino da Imagem — para uma fenomenologia da arquitectura imaginada*. Lisboa: Chiado Editora.

—  
Le Corbusier (2002). *Voyage d'Orient: carnets / Le Corbusier*. Milano: Electa. [1987].

—  
Rodeia, T., Duarte, J. (2011). *Da diferença, na representação*. Comunicação apresentada no seminário internacional “Arquitectura da Diferença II”, Universidade Lusíada de Lisboa, 16 a 18 Junho 2011.

Tainha, M. (1994). *A arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura — Universidade Técnica de Lisboa.

—  
Zumthor, P. (2005). *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili. [1999].

Por isso, a mensagem a passar ao aluno é a de que o valor estruturador do desenho no âmbito do ensino de arquitectura decorre desse desenho não se constituir como um objecto, não ter princípio nem fim, devendo ser sempre propositivo e, por isso, transitório.

O desenho de observação do real, no âmbito do ensino da arquitectura, só cumprirá o seu devir se for encarado como processo numa dimensão projectual, proporcionando um pensamento construtivo.

**O sentido do desenho, aquilo que lhe dá razão de ser, não se encontra tanto nos seus valores formais, nas suas qualidades estéticas, mas na relação que estabelece com o próprio pensamento. Assim o desenho institui-se como um espaço privilegiado de investigação, no desemaranhar dos fios do pensamento, em que, desenhar é como clarificar os passos, percursos e estratégias da nossa consciência, trazendo-os à superfície do suporte. Estamos então a falar do desenho como processo, do desenho como verbo, do desenho como acção, como capacidade de processar informação, de se conjugar com a elasticidade do pensar.**

(Bismark, 2000)

Desenhar, neste âmbito, deverá ser sempre propor. (fig.1)

#### Notas finais

Recupere-se o propósito deste colóquio e, a partir dele, o desafio estabelecido para esta comunicação, que consistia na clarificação das relações que se estabelecem entre desenho e pensamento. Aceitando que existe uma distância entre estas duas instâncias, havia que compreender o alcance do desenho na estruturação e na constituição do pensamento projectual do (futuro) arquitecto.

**No ensino de arquitectura esta questão tem particular pertinência, já que aí, face à dificuldade de constituir um pensamento projectual, a crença numa certa fidelidade da representação tenderá a ser sobrevalorizada. Contudo, porque a diferença entre representação e realidade é inelutável, a valia do desenho deve ser procurada, não na ilusão de uma similitude, mas, antes, na distância sempre acarretada pelo próprio acto de clarificar o pensamento, isto é, pelo acto de pensar.**

**Por isso, representação e pensamento pertencem-se. A distância torna-os inextrincáveis.**

(Rodeia, 2011)

